



## **PET de Humanidades e Letras**

Palestras PET 2015

### **Paixão – doença que encontra remédio na Filosofia?**

Francisco Edi de Oliveira Sousa (UFC)

#### **SINOPSE**

A palestra propõe uma leitura da obra de Sexto Propércio (c.50-15 a.C.) à luz da vertente filosófica que considera as paixões uma doença e lhes prescreve uma terapia. Apoiada essencialmente em textos filosóficos de Cícero, a leitura examina a paixão erótica, a denominada “doença” elegíaca e o recurso à filosofia como medicina da alma. Ao fim, essa leitura deixa o questionamento: “Seria a filosofia moral um elemento relevante para a caracterização da elegia amorosa latina?”.

## I. Propércio e a “doença” da elegia amorosa

- Quatro livros de elegias.
- Elegia I.1:

Cíntia, a primeira, me prendeu com seus olhinhos,  
um coitado **intocado por Cupidos**.

Então **Amor** tirou-me a altivez do olhar  
e esmagou minha testa com seus pés  
até que **me ensinou** sem pejo **a odiar**  
**moça casta e a viver em desatino**.

Já faz um ano que o **furor** não me abandona  
e ainda **sofro os Deuses contra mim**.

Milânion, sem fugir das provações, ó Tulo,  
deu fim aos males da cruel láside.

Quando errava demente e cavernas Partêneas  
e com as feras selvagens defrontava-se,  
ferido pelo golpe do chifre de Hileu  
gemeu suas dores sobre as rochas Árcades.

Assim pôde domar essa veloz menina:  
tanto valem no Amor preces e feitos!

Em mim um lerdo Amor não trama seus ardis,  
nem sabe mais seguir as velhas vias.

Mas vós, que o poder tendes de eclipsar a Lua  
e a arte de imolar em piras mágicas,  
vamos, mudai o coração de minha dona

e tornai-a mais pálida que eu!  
Então creerei que vós sabeis reger os astros  
e as sombras com encantos Citineus.  
Ou vós, que tarde vindes levantar-me, amigos,  
buscai auxílio para um **peito enfermo**.  
Com ardor suportarei ferozes ferro e fogo  
para **ser livre na expressão da ira**.  
Levai-me por longínquos povos, pelas ondas,  
onde mulher alguma encontre o rastro.  
E vós ficai, a quem o Deus é mais atento,  
e sempre partilhai Amor seguro.  
A mim a nossa **Vênus** traz **noites amargas**,  
e nunca me abandona um vão Amor.  
Aconselho, evitai **meu mal**! Que cada um cuide  
do costumeiro Amor sem permutá-lo.  
Porém, se alguém não der ouvido ao meu aviso,  
ah! com que **dor** trará minhas palavras!<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tradução de Guilherme Flores (*Elegias de Sexto Propércio*. Introdução, tradução e notas de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014).

Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,  
**contactum** nullis ante **cupidinibus**.  
tum mihi constantis deiecit lumina fastus  
et caput impositis pressit **Amor** pedibus,  
donec me docuit **castas odisse puellas**  
improbus, et **nullo uiuere consilio**.  
ei mihi, iam toto **furor** hic non deficit anno,  
cum tamen **aduersos cogor habere deos**.  
Milanion nullos fugiendo, Tulle, labores  
saeuitiam durae contudit lasidos.  
nam modo Partheniis amens errabat in antris,  
rursus in hirsutas ibat et ille feras;  
ille etiam Hylaei percussus uulnere rami  
saucius Arcadiis rupibus ingemuit.  
ergo uelocem potuit domuisse puellam:  
tantum in amore fides et benefacta ualent.  
in me tardus Amor non ullas cogitat artes,  
nec meminit notas, ut prius, ire uias.  
at uos, deductae quibus est pellacia lunae  
et labor in magicis sacra piare focis,  
en agedum dominae mentem conuertite nostrae,  
et facite illa meo palleat ore magis!  
tunc ego crediderim Manes et sidera uobis  
posse Cytinaeis ducere carminibus.  
aut uos, qui sero lapsum reuocatis, amici,

quaerite **non sani pectoris** auxilia.  
fortiter et ferrum saeuos patiemur et ignes,  
sit modo libertas quae uelit **ira** loqui.  
ferte per extremas gentes et ferte per undas,  
qua non ulla meum femina norit iter.  
uos remanete, quibus facili deus annuit aure,  
sitis et in tuto semper amore pares.  
nam me nostra Venus **noctes** exercet **amaras**,  
et **nullo uacuo tempore deficit Amor**.  
hoc, moneo, uitate malum: sua quemque moretur  
cura, neque assueto mutet amore torum.  
quod si quis monitis tardas aduerterit aures,  
heu referet quanto uerba **dolore** mea!

## II. A vertente terapêutica da filosofia helenística

Martha Nussbaum (*The Therapy os Desire*, 2009, p. 14):

Filosofia cura doenças humanas, doenças produzidas por falsas opiniões. Seus argumentos são para a alma o que os remédios do doutor são para o corpo. Eles podem curar e devem ser avaliados em termos de seu poder de cura. Assim como a arte médica faz progressos em favor de um corpo em sofrimento, a filosofia faz em favor da alma em aflição. Corretamente compreendida, não é nada menos do que a arte de viver da alma (*techne biou*). Essa configuração geral da tarefa da filosofia é comum às três principais escolas helenísticas, tanto na Grécia quanto em Roma.

### II.1. Epicurismo

- **Epicuro** (341-270 a.C.), Usener, *Epicurea* fr. 221: Vazio é o discurso (*lógos*) do filósofo com o qual nenhuma perturbação (*páthos*) humana é tratada (*therapeúetai*).
- **Filodemo de Gádara** (c.110-40/começo dos anos 30 a.C.): emprega de modo mais sistemático em seus tratados de ética a noção de paixões como doenças e a de uma terapêutica filosófica (cf. Voula Tsouna (2007), sobretudo os capítulos 3 (“Analysis and Treatment: Methodological and Epistemological Prolegomena”) e 4 (“Therapeutic Tactics”).
- **Lucrecio** (c.99-94-55-50? a.C.): aborda o amor como doentia paixão no quarto livro do *De rerum natura* (v. 1030-1208) e “prescreve terapias”.

## II.2. Estoicismo

- **Crisipo de Soles** (c.280-207 a.C.) escreve um tratado sobre as paixões e sua cura em quatro livros (**Περὶ παθῶν**, *SVF* III.456-490). *SVF* III.471 (=Galeno *PHP* 5.2.22):

“Não é verdade que exista uma arte chamada medicina, relativa a um corpo enfermo, e nenhuma arte correspondente relativa a uma mente enferma. Nem é verdade que esta seja inferior àquela, em capacidade teórica e terapêutica”.

- **Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)**

Cultiva essa vertente em várias obras, com destaque para *Ad Lucilium epistulae morales* e alguns dos *Dialogi* (*De ira*, *De tranquillitate animi*, *Consolatio ad Marciam*, *Consolatio ad Polybium*, *Consolatio ad Heluiam matrem*).

No *De ira*, o livro I e mais ou menos a metade do II discutem a ira; o restante do livro II e o III prescrevem uma terapia; em II.18, utilizando o paralelo com a medicina, Sêneca passa da paixão para sua cura:

*quoniam quae de ira quaeruntur tractauimus, **accedamus ad remedia eius.***

Uma vez que abordamos o que se pretendia a respeito da ira, passemos a seus remédios

## II.3. Cícero (106-43 a.C.)

Dedica-se a essa vertente terapêutica especialmente nos últimos anos de vida (cf. *Ep. ad Att.* 12.18, 12.20, 12.21, 12.40). Composições desse período com destacada exploração da terapêutica filosófica: *Consolatio* (perdida) e as *Tusculanae disputationes*. *Tusculanae disputationes* III.6:

*Est profecto **animi medicina, philosophia.***

Há sem dúvida uma medicina da alma, a filosofia.

### III. Elegia latina e filosofia; Propércio e a filosofia

- Ciclo (epicurista) de Mecenas: Virgílio, Horácio, Vário Rufo.

### IV. O referencial para esta leitura da poesia de Propércio

- Cícero, *Tusculanae disputationes* III.1-13.
- Motivos da escolha de Cícero:
  - sua obra reflete e repensa as escolas filosóficas helenísticas;
  - a reflexão filosófica de Cícero é a mais próxima de Propércio e evidencia que a vertente ética de uma terapêutica filosófica encontra-se então em pleno vigor;
  - Propércio provavelmente conhecia a obra de Cícero;
  - ao comentar o relativamente recente desenvolvimento dos estudos dessa vertente ética na filosofia helenística, M. Nussbaum (2009, p. x) afirma que a única maneira de mergulhar nesses estudos é através de autores latinos cujos textos sobreviveram na íntegra, dentre os quais cita Lucrécio, Cícero e Sêneca.

- ***Tusculanae disputationes***

Obra composta em 45 a.C., em cinco livros, assim descritos pelo próprio Cícero no *De diuinatione* II.2: “o primeiro é sobre o desprezo à morte; o segundo sobre a tolerância à dor; **sobre o alívio da angústia, o terceiro; o quarto sobre as demais perturbações da alma**; o quinto compreendeu este tópico que ilustra muito bem toda a filosofia, pois ensina que a virtude é suficiente por si mesma para a vida feliz”.

Embora Cícero tenda filosoficamente para a nova Academia (ou Academia cética), nos livros III e IV das *Tusculanae disputationes* defende uma teoria estoica a respeito das paixões (as quais prefere denominar *perturbationes animi*).

#### ▪ O princípio estoico das sementes de virtude e os poetas

Em III.2-3, surge o princípio estoico das sementes de virtude inatas (*sunt enim ingeniis nostris semina innata uirtutum*, III.2), segundo o qual nascemos com “centelhas” da natureza (*paruulos nobis dedit igniculos*), com um potencial que pode (e deveria) vir a ser virtude, mas que em geral é corrompido por falsas opiniões acolhidas ao longo da vida (cf. *De finibus* III.16-23); e os **poetas** surgem nessa passagem como **capazes de promover degradação moral, forjar falsas opiniões**:

accedunt etiam **poëtae**, qui, cum magnam speciem doctrinae sapientiaeque prae se tulerunt, audiuntur leguntur ediscuntur et inhaerescunt penitus in mentibus.

Sobrevêm ainda os **poetas**, os quais, ao apresentarem diante de si uma grande aparência de ensinamento e sabedoria, são ouvidos, lidos e aprendidos de cor e assim ficam profundamente gravados em nossas mentes.

#### ▪ As paixões como *insaniae*

Em III.8-11, emerge a noção de que **todas as *perturbationes animi seriam insaniae*** (com o sentido de “não sãs” (*in-saniae*) e “loucura”). Além de atrelar-se ao estoicismo, essa noção é vinculada por Cícero a uma tradição romana (*maioribus quoque nostris hoc ita uisum intellego*, III.8).

Em III.11, Cícero remata essa noção com um detalhe significativo para nossa leitura de Propércio:

eos enim **sanos** quoniam intellegi necesse est, quorum mens motu quasi **morbo** perturbata nullo sit, qui contra **adfecti** sint, hos **insanos** appellari necesse est. itaque nihil melius quam quod est in consuetudine sermonis Latini, cum ‘exisse ex potestate’ dicimus **eos qui ecfrenati feruntur aut libidine aut iracundia** [...].

Pois, uma vez que devem ser julgados “sãos” aqueles cuja mente não esteja perturbada por qualquer movimento (**como por uma doença**), aqueles que, ao contrário, estejam afetados devem ser chamados “**insanos**”. Diante disso, nada parece mais adequado do que o costume da língua latina de dizer ‘terem perdido o controle’ aqueles que são levados **sem freio** pela **libido** ou pela **ira** [...].

▪ **O desejo (*cupiditas*) como doença da alma, paixão**

Dentre as doenças da alma, Cícero destaca o **desejo** (*cupiditas*, III.5), **significativo para a elegia amorosa latina**.

## V. A poesia de Propércio e uma terapêutica filosófica

- a ira
- a paixão erótica (o *in-sanus amor*) – a doença da elegia amorosa latina.
- a noção de ultrapassagem do limite (*modus*).

### V.1. A ira

- O campo semântico da ira possui 27 ocorrências em Propércio (o substantivo *ira*, o adjetivo *iratus* e o verbo *irascor*).
- Elegia I.18.13-16:

quamuis multa tibi **dolor** hic meus aspera debet,  
non ita saeua tamen uenerit **ira** mea  
ut tibi sim merito semper **furor**, et tua flendo  
lumina deiectis **turpia** sint lacrimis.

Mesmo que minha **dor** te deva mil rudezas,  
não será tão cruel a minha **ira**  
para que assim eu seja a tua **fúria** e em pranto  
as lágrimas **deturpem** teus olhinhos.

Vocabulário da filosofia moral: *dolor* (equivalente a *aegritudo*), *ira*, *furor*, *turpe*) aplicado a uma reflexão teórica da elegia amorosa.

Elegia IV.5: conselhos de uma lena para a “formação” de uma *puella* elegíaca; surge a noção de “ira útil” (v. 31-32):

*si tibi forte comas uexauerit, **utilis ira**:  
postmodo mercata pace premendus erit.*

Se ele arrancar os teus cabelos, usa da **ira**:  
negociando a paz, o espremerás.

## ▪ *utilis ira*

Teoria essencialmente peripatética que chega a Cícero e a Sêneca (*De ira*, em particular em III.3), segundo a qual as paixões são naturais (contingências do ser humano) e úteis em determinadas circunstâncias, desde que justas e devidamente moderadas pela razão.

Cícero a questiona nas *Tusculanae disputationes* por um prisma estoico (IV.43):

Quid, quod idem Peripatetici perturbationes istas, quas nos extirpandas putamus, non modo naturalis esse dicunt, sed etiam **utiliter** a natura datas? quorum est talis oratio: primum multis uerbis **iracundiam** laudant, cotem fortitudinis esse dicunt, multoque et in hostem et in inprobum ciuem uehementioris iratorum impetus esse [...].

O que dizer do fato de os mesmos peripatéticos afirmarem que essas **perturbações** (que julgamos devam ser extirpadas) **sejam não somente naturais mas também concedidas pela natureza de modo útil**? Eis o discurso deles: primeiramente, louvam a **ira** com muitas palavras, dizem ser a pedra de amolar da coragem e ser muito mais veemente contra o inimigo e contra o cidadão ímprobo o ímpeto daqueles tomados de ira [...].

Como empregada no poema de Propércio, a expressão *utilis ira* sugere a **construção de um paralelo elegíaco para uma concepção filosófica**: a ira, já defendida em I.1 como um recurso legítimo dos amantes elegíacos, avesso à moral, agora emerge em um discurso de formação que evoca uma teoria filosófica ética; a utilidade da ira emerge assim convertida para o universo da elegia amorosa.

## V.2. Quebra do *modus*, ultrapassagem dos limites

- Sob o influxo das paixões, o amante da elegia amorosa perde o controle, ultrapassa os limites.

- Elegia II.15. 29-30, êxtase de uma noite de amor com Cíntia:

Errat qui **finem** uesani quaerit amoris.  
uerus amor **nullum** nouit habere **modum**,

Erra quem busca o fim para um Amor insano:  
o verdadeiro Amor **não tem limite**.

- Elegia III.19.1-4:

Obicitur totiens a te mihi nostra **libido**.  
crede mihi, uobis imperat ista magis.  
uos, ubi contempti **rupistis frena** pudoris,  
nescitis **captae mentis habere modum**.

Em mim sempre criticas a nossa **luxúria**,  
mas acredita – em vós é que ela impera!  
Vós, quando desprezais as rédeas do pudor,  
**perdeis todo o limite** da loucura.

**Contextos distintos**: em II.15 o amante exclama que o verdadeiro amor da elegia amorosa é louco e não tem limite; em III.19 a voz masculina, efetuando uma análise distanciada, transfere para a *puella* a ruptura do limite (do pudor) – e o restante do poema apresenta *exempla* de transgressões femininas.

- **modus** em uma tradição da “sabedoria popular” greco-latina: mitos, como o de Ícaro, evidenciam-na e transmitem-na no esquema **métron-hýbris-némesis**; e o texto de Cícero (*Tusculanae* III.11) há pouco exposto confirma que a tradição romana possui pensamento semelhante. Diante desse panorama, Propércio pode simplesmente manifestar uma sabedoria da tradição.
- **modus** por um prisma filosófico: princípio da **moderação** nas principais escolas da Antiguidade; quanto à noção de limite em particular, seria mais característica da Academia e do Perípatos. Nessa linha, o texto de Cícero, apesar de referir uma expressão tradicional da língua latina, pertence a um contexto filosófico e relaciona a perda do controle à ação da libido ou da ira. E a libido, a propósito, é tema dessa última citação de Propércio (III.19.1), a qual (assim como no texto de Cícero) leva o ser a ultrapassar desenfreadamente (**ecfrenati-rupistis frena**) o limite, a perder o controle da mente (*nescitis captae mentis habere modum*).
- **modus** nas *Tusculanae*. Em III.24-25, emergem os quatro gêneros de paixões segundo a teoria estoica; dois deles são mais significativos para o universo da elegia amorosa, aquelas *perturbationes animi* que seriam bens segundo a opinião comum (*Tusculanae* III.24):

nam duae sunt ex opinione boni; quarum altera, **uoluptas gestiens**, id est **praeter modum elata laetitia**, opinione praesentis magni alicuius boni, altera, **cupiditas**, quae recte uel **libido** dici potest, quae est in**moderata** adpetitio opinati magni boni rationi non obtemperans.

Pois duas emanam da opinião do que seja o bem: uma delas é o prazer alvoroçado, isto é, uma alegria levada além da medida pela opinião de haver um grande bem presente; a outra é o desejo, que pode ser corretamente denominado *libido*, que constitui um apetite de um pretense grande bem, imoderado, não obediente à razão.

Nesse trecho, a expressão *praeter modum* e o adjetivo *immoderata* reforçam a ideia de ultrapassagem do limite em contexto filosófico; e as *perturbationes* definidas (*uoluptas* e *cupiditas*) são protagonistas no modo de vida do amante na elegia amorosa latina.

- A união do emprego de *modus* ao da noção de *ira* representaria um **apelo à filosofia moral na elaboração do universo da elegia latina**, ou ao menos em Propércio?

### V.3. A busca de uma terapia para a doença elegíaca

- Há na obra de Propércio uma **mudança no tratamento do gênero elegíaco**:
  - Livros I e II: caracterizam bem a elegia amorosa.
  - Livro III: apresenta uma mudança na abordagem do gênero, a qual caminha para um suposto abandono da elegia amorosa (mais claro a partir de III.16).
  - Livro IV: trabalha especialmente um subgênero mais elevado, etiológico, calimaquiano.

- Elegia II.1.57-58, pensamento dos livros I e II:

omnes humanos sanat **medicina** dolores;  
solus Amor **morbi** non habet artificem

A **medicina** cura toda a dor dos homens  
somente Amor não ama o seu remédio

- Elegia III.21, a busca de remédios para a doença elegíaca.

- v. 1-2:

Magnum iter ad doctas proficisci cogor **Athenas**  
ut me longa **gravi** soluat **amore** uia

Devo seguir a longa estrada à culta Atenas  
pra que a viagem apague um grave Amor!

- Em Atenas, espera encontrar remédio para seu amor, e a filosofia corresponde a uma terapia possível (v. 25-26):

illic in spatiis **animum emendare Platonis**  
**incipiam aut hortis, docte Epicure**, tuis

Nos passos de **Platão corrigirei o espírito**,  
ou pelos teus jardins, culto **Epicuro**.

- Os dois últimos versos deste poema fortalecem a hipótese da existência de um substrato filosófico (v. 33-4):

seu moriar, fato, non **turpi** fractus amore;  
atque erit illa mihi mortis **honestae** dies

e eu morrerei por Fado – não por **torpe** Amor:  
será **honroso** o dia dessa Morte

**torpe e honestum**: a grande dicotomia ética das escolas filosóficas helenísticas de expressão latina (a forma *honestum* corresponde ao καλόν), bem explorada no *De finibus*, de Cícero.

**Propércio teceria nesses versos finais uma reflexão de fato filosófica, a rejeição de um *torpe* amor e a busca de uma vida *honestae*?**

## VI. Considerações finais

- Se, segundo os estoicos, as *perturbationes animi* seriam loucuras (*insaniae*), a paixão erótica (*cupido, libido*) é a loucura por excelência da elegia amorosa latina, a qual ultrapassa o limite (*modus*) e acolhe outras loucuras, como a *ira*; para essa paixão o poeta procura remédios, um dos quais está em consonância com o pensamento de Cícero nas *Tusculanae* (III.6): *est profecto animi medicina, philosophia*.
- Propércio teria de fato recorrido à filosofia para elaborar seu universo elegíaco, discutir seus temas?
- A difícil percepção da filosofia em meio elegíaco. Diferentemente de outros gêneros, a elegia não discute questões filosóficas como elas aparecem em textos filosóficos, ela as disfarça, as subverte, – usando o jargão dos estudiosos desse gênero – ela converte praticamente tudo ao seu universo. Por isso, não é tão fácil reconhecer filosofia sob vestes elegíacas.
- Por outro lado, não é difícil supor que a filosofia moral subjaza à elegia latina, e desde seus primeiros passos. Ora, o título do livro que Partênio de Niceia (séc. I a.C.) dedica a Cornélio Galo (com histórias que este deveria verter em versos épicos ou elegíacos) é justamente Ἐρωτικὰ παθήματα; com isso, talvez Partênio tenha inserido Galo e a futura elegia latina no reino das paixões, alicerçadas na filosofia moral helenística, com o binómio doença-terapia.
- Se a elegia não se voltasse para a filosofia moral, esta certamente se voltaria para a elegia amorosa latina ao

considerar a possibilidade de os poetas disseminarem falsas opiniões. Ora, se poetas como Homero, Hesíodo, Virgílio, Horácio... que em geral abordam assuntos elevados, podem inculcar falsas opiniões, o que dizer daqueles que praticam a elegia amorosa, a qual se afirma contrária à moral? Essa poesia, com um potencial de grande aceitação popular, seria aos olhos da ética passível de crítica.

- Essas considerações consolidam a hipótese de que as teorias morais seriam particularmente importantes para os elegíacos latinos: a fim de caracterizar a elegia amorosa, eles deveriam estudar tais teorias (a da tradição e as das escolas de filosofia); e, caso desejassem sair da elegia amorosa, a filosofia ofereceria tanto o tema quanto a terapia.
- Ao menos quanto ao caso de Propércio, embora limitada, esta leitura descortina significativos pontos de contato entre elegia e filosofia moral: em seus poemas termos, temas e concepções filosóficas vêm à tona; e, insinuando um diálogo mais sistemático, neles percebemos a concepção de as paixões serem doenças e de a filosofia ser uma medicina da alma.